

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 192 — Domingo, 10 de Fevereiro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3
AVENÇA

A MISSÃO DA CULTURA

Pelo DR. JORGE A. QUEIROZ

É HOJE muito corrente o julgar-se que a cultura individual não deve prosseguir nem ser adquirida em função de quaisquer finalidades práticas, mas desprovida de qualquer intuito de esclarecer o indivíduo sobre os problemas prementes da época e do meio em que vive, armando-o teoricamente para encaminhar a sua acção no sentido do melhoramento e progresso humanos. A cultura seria assim algo como um museu de teorias, conceitos, pensamentos, etc., uma complicação inerte e passiva de ideias. Estaríamos em face de um pensamento puro, desinteressado.

Não é difícil perceber que numa época em que os gran-

des problemas do homem se situam na frente social, em que o destino do homem está dependente da solução que as gerações do presente deram à adequação e transformação da estrutura social, às exigências e forças que se desenvolveram no seu seio, e que tão violentamente entram agora em conflito com ela; em que os grandes problemas da humanidade parecem

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CARTA DE LISBOA

ERA UMA VEZ UMA PRINCESA

POR toda a cidade vai uma záfama como nunca antes vira-mos. Aparam-se relvados e plantam-se flores novas nos jardins; escariolam-se e pintam-se velhos edifícios há longos anos descuidados; arranjam-se praças e ruas; arejam-se e alindam-se salões onde os doirados tomam mais vida, as sedas mais macieza e os cristais mais brilho. Os velhos coches, já cansados de tanta inacção, vêm para a rua com luzidas parelhas. As grandes companhias e os bancos mais importantes enfeitam, com riqueza, as suas fachadas e as lojas estudam ideias novas para guarnecer as suas montras. Lisboa, menina bonita da Europa, está, afinal e muito simplesmente, a empoar as faces — como todas nós fazemos — porque vai receber uma visita amiga.

Nas casas, há igual movimento. Há sempre uma família da província que desce agora à capital. Pintam-se as paredes e põem-se cortinas novas nas janelas; enchem-se colchões e almofadas; preparam-se loiças e talheres, não aconteça ficarmos, depois, envergonhados.

Centenas de pessoas humildes fazem bandeiras e mais bandeiras, cosem e recosem o vermelho, o verde, o azul, o branco e, outra vez, o vermelho; outras armam e pintam mastros ou lanternas; outras carpinteiaram ou iluminam, no fim

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

VISITA MINISTERIAL AO ALGARVE

OS MINISTROS DO INTERIOR E DA EDUCAÇÃO NACIONAL

srs. dr. Trigo de Negreiros e prof. eng. Leite Pinto

INAUGURAM ESTA TARDE ALGUNS IMPORTANTES MELHORAMENTOS EM PORTIMÃO

PORTIMÃO, onde a acção do actual presidente, sr. Salvador Gomes Vilarinho, se tem feito sentir, de forma notável nos mais diferentes aspectos da vida do concelho e da cidade, esforçando-se por servir os seus superiores interesses, atender às suas necessidades e promover o seu progressivo embelezamento e valorização — propósitos estes particular-

mente louváveis em relação a uma cidade com graves responsabilidades no Turismo Algarvio —, vai receber, esta tarde, a visita de dois ilustres membros do Governo, que propositadamente se deslocaram à nossa província, a fim de presidirem à inauguração, na capital do Barlavento, de vários e importantes melhoramentos.

Entre estes, figuram, em primeiro lugar, as novas instalações dos Paços do Concelho, onde se realizará uma sessão de boas vindas, com a presença das principais autoridades do distrito. Convenientemente instala-

da no velho Palácio Bivar, onde foram feitas as necessárias adaptações, passará a Câmara Municipal de Portimão a disfrutar de toda a dignidade que lhe faltava no edifício onde esteve anteriormente e cujas instalações de há muito se tinham revelado insuficientes e im-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

VISITANTES ILUSTRES

Encontram-se desde ontem no Algarve, sendo hóspedes do nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, sr. engenheiro Sebastião Ramirez, na sua vivenda da Quinta de Cima, em Cacela, os srs. dr. Joaquim Trigo de Negreiros e prof. eng.º Francisco de Paula Leite Pinto, ministros, respectivamente, do Interior e da Educação Nacional.

Estes ilustres visitantes seguem hoje, depois do almoço, acompanhados pelo sr. deputado Sebastião Ramirez e outras altas individualidades, para Portimão, onde, conforme noticiamos noutra lugar, procederão a diversas inaugurações.

APONTAMENTO HISTÓRICO

BRETÕES E LUSITANOS

Pelo MAJOR SOUSA NUNES

MILHARES de anos, primeiro que os Fenícios tivessem vindo à Península, ensinaram-nos a arte de escrever e de navegar, já Lusitanos e Bretões trocavam, por via marítima, cartões de boas-festas e se presentavam mutuamente com os mimos das suas pátrias.

Ainda os actuais portugueses não conheceriam a palavra «Lusitano» nem os Bretões a de «Pictos», os homens que pintavam o corpo, isto é, que se tatuavam, termos que tornaram tão famosas as duas raças, já éramos grandes amigos.

Todos os mares do ocidente, do norte da Bretanha ao sul das Ilhas Afortunadas, nos eram familiares. Ambos os povos gozavam da fama de arrojadados navegadores e de destemidos guerreiros que podiam comparar-se entre si.

Os Lusitanos, morto por imersão, nas águas do Guadiana, o alto chefe dos Cartagineses, Amílcar Barca, tiveram o seu primeiro encontro violento com os Romanos em Alcoi, vizinha do Ebro, não indo as fronteiras da Lusitânia, do sul, além do Guadalquivir.

Numa série ininterrupta de batalhas sangüinolentas de Lusitanos e de Latinos, ganhas umas, perdidas outras, por qualquer dos contendores, em 190 a. C. ficou sem vida o general latino Lúcio Emiliano, com todos os seus soldados!

Depois da traição do general Romano, Galba, os Lusitanos, cada vez mais ciosos da sua independência, revoltaram-se e começaram contra os Romanos uma longa guerra de guerrilhas, sob o comando do príncipe dos Hermínios, Viriato, cujas façanhas eram o terror de Roma, que o fizera assassinar por traição.

Toda a coragem dos Lusitanos, depois de ter acontecido outro tanto a Sertório, se quebrou contra a disciplina de César! Foram 145 anos — 206-61 a. C. — que se perderam em lutas de ganha um, perde o outro.

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Sete vidas num só palmo

Abro o jornal. Num palmo dos meus, justo, leio que sete crianças, num só dia, foram vítimas de queimaduras. Alguns casos são mortais.

A reconstrução é fácil. O pai e a mãe trabalham. Pegam cedo, largam tarde. Os pequeninos ficam entregues à mais velhinha, isto é, à mais pequenina, ou à avó, que já está taralhoca. Impossível tomar conta delas. As crianças cegam a gente. E que bonito é o fogo! Salta, dança, ri, fala, brinca, ilumina, aquece, bate castanholas e faz caretas e piruetas, imita pessoas e animais. O menino aproxima-se, encantado. O fogo deita a gadanha, a avó grita, o solícito correspondente corre a despachar a notícia, e eu pergunto: para quando uma «creche» em cada terra da nossa terra? Será que vamos deixar, de braços cruzados, que o fogo e os poços, a tuberculose e o tifo se alimentem, à tripa forra, dos nossos meninos?

Apontamento

Não gosto de me meter na vida de ninguém. Cada qual reservará para si, como um direito sagrado, esse de dizer ou não dizer, de publicar ou manter no segredo factos da sua vida íntima ou particular. Forçar a intimidade das pessoas, depassá-la, às escâncaras ou subtilmente, pelo prazer tão somente de alimentar curiosidades mórbidas ou servir outros fins, é acto objecto. Não no quero. Entretanto, conheço poucos momentos tão agradáveis como o de ouvir falar o povo desprevenido. Que riqueza de palavras antigas ou inventadas! Que força e que justeza de expressões.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

“NOTÍCIAS DO ALGARVE”

Do sr. dr. José Ascenso, ilustre governador civil substituto deste distrito, recebemos um amável cartão de agradecimento pela referência feita neste jornal à sua recente nomeação, gentileza que muito nos sensibilizou.

Também o sr. eng. Mascarenhas Gaivão, ao deixar as funções de governador civil de Faro, teve a amabilidade de officiar ao nosso director, cumprimentando e agradecendo toda a colaboração que lhe foi prestada por este jornal durante o exercício do seu cargo.

Figuras da actualidade

POUJADE



INSTABILIDADE da política francesa, as constantes lutas partidárias e os impostos elevados têm gerado o descontentamento, principalmente entre os pequenos comerciantes, de tal forma que um de entre eles — Poujade — conseguiu desfaldar a bandeira da revolta contra esse caótico estado de coisas e tomar de improviso a assembleia nacional, e foi tamanha a surpresa geral que os habituais membros que se sentavam à mesa do orçamento do Estado ficaram perplexos e sentiram seriamente ameaçadas as suas posições, que julgavam sólidas e duradouras. Esboçaram, imediatamente, um movimento de auto-defesa que, a breve trecho, se transformou em

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

apresenta
UMA CRÓNICA
por semana



EM Espanha, o governo de Franco, obrigou certa vez, um comerciante especulador a exhibir na via pública um leiteiro em

UMA INICIATIVA SIMPÁTICA

A FAVOR DO DESPORTO LOCAL

INICIOU já os trabalhos relativos à sua missão a comissão de sócios do Lusitano Futebol Clube que recentemente se constituiu e a que fizemos referência num dos últimos números do nosso jornal. Como então noticiámos, essa comissão propõe-se or-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

que dizia, mais ou menos, o seguinte: «Eu roubei o povo em tantas pesetas». Foi certamente uma lição salutar e um aviso atemorizador para muitos outros especuladores.

Entre nós, poderia adoptar-se o sistema para os «assassinos do volante». E por assassinos não compreendemos unicamente aqueles que, por imprudência ou por suporem que o dinheiro tudo pode pagar e a posição social tudo encobre, matam ou inutilizam o seu semelhante, mas todos quantos executam manobras perigosas que põem em risco não só a sua vida — que, aliás, é de ter em pouca consideração — como a alheia.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

JULIÃO QUINTINHA

Com pouca demora, esteve em Silves o nosso ilustre comprovinciano, prezado amigo e colaborador, sr. Julião Quintinha, brilhante escritor e jornalista.

PERSEVERANÇA

POEMA

Do Poeta A. Vicente Campinas

Sonho que sou Marinheiro dum barco imaginário, que busca nos mares da vida um resto de ventura perdida...

É sinto o meu barco de ouro vogando triunfal, e procurando o seu Norte nas águas de cristal.

O meu pulso de criança agarra a madeira dura do leme, e não sofre nem teme, porque leva atrás de si a força da Esperança que tem em Ti...

Já perlo, o farol dos meus sonhos ilumina o meu barco imaginário, e diz-me que não sou Marinheiro... Mas eu sigo o meu Caminho, revolvendo o mundo inteiro, triste e sózinho...

Casimiro de Abreu

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a sua familia, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. Fernando Leonel Viegas Alvares.

Encontra-se nesta vila, em gozo de férias e de visita a sua familia, o nosso prezado assinante sr. Carlos Martins Pereira, residente em Faro.

A fim de assistirem ao casamento de sua neta e filha, respectivamente, estiveram alguns dias em Lisboa a sr.ª D. Antónia Viegas Rosa e seu filho sr. Manuel Oliveira Rosa, despachante oficial da Alfandega desta vila.

Esteve alguns dias entre nós, tendo já retirado para Lisboa, aonde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. Emilio Graça Correia.

De visita a seus pais, esteve nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. João Jacinto Costa, residente em Lisboa.

Casamento

Na igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, realizou-se, no passado dia 6 do corrente, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Manuel Martins Rosa, gentil filha da sr.ª D. Judite Silvestre Martins Rosa (já falecida), e de seu marido, em primeiras núpcias, sr. Manuel Oliveira Rosa, despachante oficial da Alfandega nesta vila, com o sr. Delfim Rodrigues, escriturário comercial na C. U. F., filho da sr.ª D. Felismina da Conceição Rodrigues (já falecida), e do sr. José Rodrigues.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Luísa Cordeiro Marques da Costa Rocheta e seu marido, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta; e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luísa Caldeira Soares Mendes Marques Godinho e seu marido, sr. dr. Alfredo Pimenta Beja Marques Godinho.

A cerimónia nupcial, seguida de Missa, foi celebrada pelo tio da noiva, rev. Padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, ilustre secretário-geral da A. C. P., que proferiu uma alocução apropriada. Ao acto assistiram muitas filhadas da A. C., de que a nubente fazia parte.

Ao novo casal, que seguiu em viagem de núpcias para a Serra da Estrela, depois do que fixará residência em Rossio de Abrantes, auguramos muitas felicidades no seu novo lar.

COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio. TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL. Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES. Avenida da República - Telefone 13

PELA VILA DE AMADORES DE AMADORES

Casa dos Pescadores

Consta-nos que brevemente vai ser construído um edifício para as instalações da Casa dos Pescadores, que foi criada nesta vila, em lugar da delegação até agora existente.

O novo prédio fica situado na Avenida da República, numa antiga propriedade da Corporação dos Pilotos da Barra e Rio Guadiana, cedida para esse fim.

Carreiras de Ligação Fluvial com a Espanha

Pelos serviços combinados entre a C. P. e a importante empresa de transportes espanhola Arturo Damas, iniciou-se no dia 1 do corrente uma carreira de ligação fluvial com o comboio semi-directo da Linha do Sul (dito «rápido do Algarve»), dando ligação imediata às carreiras de autocarros para Huelva e Sevilha, a cargo da mesma empresa.

Trata-se dum importante factor de progresso para o tráfego de passageiros nesta fronteira, cujas condições ficam melhoradas, sendo somente de lamentar o facto de não se ter preferido, para a ligação fluvial desta vila a Aiamonte, uma embarcação portuguesa que oferecesse condições.

A propósito, espera-se que sejam agora intensificados os trabalhos de construção do apeadeiro do Guadiana, para evitar aos viajantes, neste inverno que há pouco começou, os incómodos do desconforto existente e a exposição às intempéries, ao descerem na gare-término desta linha internacional, em direcção a Sevilha ou de retorno, tanto mais que estão próximas a feira de Sevilha e a Semana Santa, em que o número de viajantes é considerável.

Agradecimento José António Rafael

A familia de José António Rafael, farmacêutico, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, não o fazendo pessoalmente por desconhecimento de moradas.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA Agência Comercial e Marítima do Sul. Avenida da República, 65 - Telefone 76 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O Glória Futebol Clube — simpática colectividade da nossa terra, que há muito, por imposições que não nos propomos agora relatar, trocou a prática dos desportos por úteis e agradáveis práticas culturais —, prosseguindo na senda que traçou a bem das coisas do espirito e na louvável intenção de fomentar o gosto dos vilarealenses pela arte de Talma, agora em estreita colaboração com os Bombeiros Voluntários desta vila e a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira, acaba de levar à cena, em três récitas, conforme sucessivamente anunciámos, mais um dos seus espectáculos de amadores, prendendo a mais selecta assistência que até hoje os nossos olhos viram no velho casarão, onde, na nossa distante meninice, existiu o famoso «Pombalino» das bailarinas e da roleta, e onde, muito mais tarde, «mestre Rosa» criou a célebre escola de músicos, de que saíram alguns dos que, agora, tornaram a reunir-se para mostrarem o que valem.

A peça em 1 acto «Rosas de todo o Ano», da autoria do eminente escritor algarvio dr. Júlio Dantas, já a conhecíamos, há muito. Isto não obsta a que fôssemos novamente apreciá-la, desta vez representada primorosamente por duas distintas amadoras de Tavira: Olga Soares e Lúcia Horta. De lamentar, apenas, a pobreza do cenário, inadaptação à acção e à época da peça, com remendos inestéticos que lhe roubaram o melhor da sua beleza.

O «vaudeville» «Bocácio na... Rua», original de N. T. Leroy, com lindíssima música de F. von Suppé, é um engraçado entre-acto, de curta narração na parte declamada, pelo que saíu, deste lado, com diminuta percentagem de defeitos. Quanto aos números musicados, a experiência de Rita Tenório, Narciso Fernandes, Domingos Samúdio, Ilídio Setúbal e Joaquim Ribeiro, sob a hábil regência do popular maestro Saraiva Rosa, torneou as dificuldades e, se não saíram com invulgar execução, agradaram plenamente, merecendo justos aplausos.

O acto de variedades arreyistado, arranjo de Sebastião Leiria, pecou por alguns excessos remediáveis, se bem que, no conjunto, saísse a contento do público. Desnecessário o discurso de abertura, por demasiado longo, arreyizado, e por deficiente declamação. Da actuação da «commère» e do «compère», pouco há a dizer, a não ser que mostraram boa vontade e uma grande dose de inexperiência, talvez por falta de ensaios ou por não estarem senhores do papel. Dos números musicados, há a destacar «Meu sonho nasceu de ti» e «Quero sonhar», por Rita Tenório; «Polana» e «Espero por ti», por Alvaro Primitivo; «Canção de Coimbra», por Ilídio Setúbal; «Lava-deiras de Portugal», por Leonildo Nunes e um gentil friso de meninas, com a conhecida música francesa e letra, em português, de um nosso conterrâneo: «Pado das calças-pardas», por Joaquim Ribeiro; e «Adeus da Partida», por Narciso Fernandes. De assinalar, também, a apoteose final, interpretada por Rita Tenório e Ilídio Setúbal, com um conjunto de balanas e «mulatos»... de rostos pálidos, vestidos a rigor. Número vistoso, mas com deficiente marcação dos bailarinos.

A pedido, Lúcia Horta e Olga Soares recitaram, excelentemente, as poesias «Mãe» e o «Marr». A orquestra, organizada por Saraiva Rosa, com a colaboração de Sebastião Leiria, ao piano, e Vital Trindade, em acórdão, soube dar o devido brilho ao espectáculo e brindou o público com uma lindíssima peça de abertura, que mereceu fartos aplausos da assistência.

O público ficou satisfeito com mais esta organização do Glória Futebol Clube, e a prova está nas sucessivas chamadas ao palco dos que mais directamente contribuíram para a levar à cena.

Dois senões queremos apontar, fáceis de remediar, em futuros espectáculos: o excessivo barulho nos bastidores, que, por vezes, excede as vozes dos personagens, e as constantes entradas e saídas pela porta do palco, que distraem a atenção dos espectadores pela cena.

Finalmente, desejamos que o «Grupo Cénico Gil Vicente» prosiga na luta pela defesa do Teatro, fonte de cultura, índice de civilização de um povo e de uma pátria. E oxalá outras colectividades vilarealenses sigam o exemplo desse punhado de moços que, contra a rotina e as más vontades, estão trabalhando em prol da cultura da população pombalina.

Na próxima terça-feira, 12 do corrente, o «Grupo Cénico Gil Vicente» desloca-se a Tavira, onde, no Teatro António Pinheiro, levará à cena o programa que tanto sucesso alcançou entre nós.

PROVINCIA

TAVIRA

Visitas militares

Na sexta-feira de manhã, dia 1 de Fevereiro, o sr. coronel Almeida Fernandes, ilustre subsecretário de Estado do Exército, acompanhado dos srs. generais Lopes da Silva, chefe do Estado Maior do Exército; Pinto Ribeiro, director da Arma de Infantaria, e Costa Andrade, comandante da 4.ª Região Militar, visitou o C. I. S. M. I., nesta cidade, onde foi recebido pelo respectivo director, sr. major Junqueira Reis e respectiva officialidade. Depois de ter passado revista à guarda de honra, o sr. subsecretário de Estado recebeu, no gabinete do Comandante, outras autoridades deste concelho. Seguidamente, percorreu as dependências do Centro e interessou-se por vários pormenores do curso que, com cerca de 900 instruídos, aqui está funcionando. Na mese de officiais, foi oferecido ao sr. subsecretário de Estado, e à sua comitiva, um almoço, durante o qual se trocaram vários brindes.

Amendoiras em flor

Encontram-se em plena floração, sendo um espectáculo digno de ver-se, as amendoiras no nosso concelho. Este ano floriram mais cedo, pelo que induzem em erro as pessoas que se deslocam à nossa provincia pelo Carnaval, para verem as amendoiras floridas. Quem desejar apreciar este lindo espectáculo da natureza, não tem mais que aproveitá-lo nesta quadra que estamos passando.

O peixe

No rio Minho, próximo de Monção, foi pescado o primeiro salmão desta época. Pesava 11 quilos e meio e foi vendido para Lisboa por 2.530\$00, à razão de 220\$00 cada quilo. Talvez a gente humilde tenha ouvido falar deste peixe que, decerto, nunca comerá. Só aos milionários será dado este prazer gustativo. Aqui em Tavira, com o temporal que se apoderou do nosso rio, também temos tido muito pouco peixe, e o que ainda aparece, mercê da escassez e de outras alcavalas que oneram as despesas e bem como lucros modernos dos revendedores, o peixe tem aumentos descaídos. O povo e a classe média já se sente feliz quando lhe é possível comer uns miseros carapaus que, ás vezes, também atingem preços bem pouco convidativos. Mas manjares de deuses não é com ele, nem em sonhos agradáveis. — C.

DESPEDIDA IRMA M. MATEUS

Apresenta os seus cumprimentos de despedida a todas as suas clientes oferecendo a sua casa em Luanda (Angola).

ACTIVIDADES da CASA DO ALGARVE

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, na sua última reunião: Solicitar a convocação da Assembleia-Geral Ordinária para 14 do corrente;

Felicitar o sr. prof. dr. José Ascenso, ilustre reitor do Liceu de Faro, pela sua nomeação para o cargo de Governador Civil substituído do respectivo Distrito, e o secretário da Comissão de Turismo e Propaganda da colectividade, sr. dr. A. de Sousa Pontes, pela sua nomeação para presidente da Junta de Turismo de Quarteira;

Propor para sócios beneméritos, pelas importantes ofertas feitas à Casa, de quadros de sua autoria, sobre o Algarve, a pintora D. Maria Alexandrina Chaves Berger e o pintor dr. Jaime Murteira;

Incumbir o sr. dr. Maurício Monteiro, antigo presidente da Câmara Municipal de Loulé e ilustre messinense, de continuar a recolha de elementos sobre a possibilidade da criação de um Jardim-Escola João de Deus no Algarve;

Agradecer à direcção do grupo onomástico «Os Carlos» a oferta de um retrato, devidamente emoldurado, do 1.º sócio honorário da «Casa do Algarve», sr. almirante Carlos Viegas Gago Coutinho;

Divulgar a informação recebida de que um casal francês deseja relacionar-se com intelectuais portugueses, professores de línguas ou de Direito, que habitem no sul do País, junto ao mar. As respostas podem ser enviadas para H. Martin, 1, Rue du Nord, Roubaix (França).

ODELEITE

Melhoramentos necessários

Odeleite, dada a sua situação geográfica, encontra-se situado num dos extremos da freguesia e praticamente isolado da maior parte dos montes de que é sede. Os antigos caminhos encontram-se intransitáveis, dando como resultado o pessoal de Alto-Mor e Corte Pequena só aparecerem em Odeleite por extrema necessidade: Funerais, registos de nascimentos, casamentos, etc. Como todos os «males» têm remédio, este também o poderia ter. Vejamos: Uma pequena carreteira que, saindo do monte das Quebradas ao sítio do Vale dos Gatos, onde ligava à estrada nacional, seria o suficiente. A carreteira, a que nos referimos, tinha a auxiliar a sua construção a boa vontade dos habitantes das cumeadas de Alto-Mor e Corte Pequena, o que daria um ou dois dias de trabalho por fogo.

Velha aspiração e pura necessidade, que só tem a contribuir para a sua realização a conjugação vaidosa da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo ser, com base local.

A construção da carreteira, em referência, daria mais a vantagem de poder ser levado de Odeleite o correio que serve aqueles montes, e não do Azinhal, como até à data.

Muita correspondência, como é natural, vem aqui parar, só sendo entregues dias depois. A distancia quilométrica é igual e Odeleite é a sede e com correio diário.

O monte da Foz, também desta freguesia, encontra-se igualmente em péssimas condições de ligação. Que esta simples notícia sirva de estímulo e encha de bríos baillristas quem tem a obrigação de zelar pelos vitais interesses da sua terra. Apelamos para quem de direito, e confiadamente pedimos o que é de extrema necessidade.

Profilaxia da Tuberculose

No passado dia 4 do corrente, esteve em Odeleite, em missão official, o sr. Delegado de Saúde Distrital, que se fazia acompanhar do respectivo secretário.

Felizmente, pelo que nos informam, as análises deram satisfatórios resultados negativos.

O tempo

Tem decorrido péssimo para as culturas. Baixa temperatura, escassez de chuva e, para agravar, um forte vento, com aspecto ciclónico, assolou esta região, na tarde de 5 do corrente.

Falecimento

Depois de prolongado sofrimento, causado pela fractura dos ossos da bacia e precisamente no dia em que completava 67 anos de idade, faleceu em 14 de Janeiro findo, no monte da Casa Branca, donde era natural, o sr. Manuel João Afonso, abastado proprietário.

Deixa viúva a sr.ª D. Florinda Pereira Rodrigues e era pai dos srs. José, António e Amândio Rodrigues Afonso e das sr.ªs D. Ana Rodrigues Afonso e D. Maria Rodrigues Afonso.

O falecido, que era dotado de nobres qualidades de carácter, contava nesta aldeia bastantes amizades.

Apresentamos à familia enlutada os nossos pêsames. — C.

PADERNE

Padernense Clube

No salão desta sociedade recreativa realizou-se, no passado domingo, dia 3, a Assembleia Geral, para eleição de novos corpos directivos.

Falaram o presidente da Assembleia Geral, sr. José Acácio da Silva Júdice, o presidente da direcção, sr. José Gonçalves Cruz, e outros membros, acerca do movimento da gerência e, ainda, do plano de melhoramentos da sede, o que não só beneficia a colectividade como também a localidade, privada como está duma sala em condições para recreio da população.

A seguir, os sócios reuniram-se num jantar de confraternização, durante o qual foram elogiados os directores cessantes pelos esforços despendidos a favor do clube.

Património dos pobres

Estão quase concluídas as obras nas duas casas para pobres, que foram mandadas construir pelo grande benemérito e distinto industrial de automóveis sr. António Libânio Correia, com o contributo da Junta de Freguesia. As moradas serão denominadas «António Correia» e «Padre Américo» — o grande amigo das crianças, morto tragicamente num desastre de viação, o ano passado. — C.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Fevereiro:

Entrados: TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. ZUIDERZEE, Holandês, de 498 ton., de Antuérpia, com folha de flandres. COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos: TERCEIRENSE, Português, para Angra do Heroísmo, com sal. ZUIDERZEE, Holandês, para Setúbal, com folha de flandres em trânsito.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 9 a 15 de Fevereiro, a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda Telefone 64.

NOVA CARREIRA DE CAMIONAGEM

A Empresa Rodoviária vai dar início, a partir de 15 do corrente, a uma nova carreira de autocarros entre Santa Catarina da Fonte do Bispo e Moncarapacho, em ligação com a carreira já existente entre Moncarapacho e Faro. O horário desta nova carreira vai inserto noutra parte deste número.

CANICULTURA ALGARVIA

Raros são os nossos estimados colegas algarvios que não lavram já, humoristicamente ou a sério, o seu protesto contra a vaga canina, cantosa e uivante, que infesta o Algarve. «A Voz de Loulé» e a «Voz do Sul», de Silves, ultimamente dão conta dos incómodos e indecoroso espectáculo que a canzoada oferece diariamente. Em correspondência de Olhão, queixam-se-nos de que a vila cubista também se encontra gravemente contaminada por esta epidemia canina. E a nossa terra? Bem, para não destoar, a nossa terra afina pelo mesmo diapasão canino, oferecendo o mesmíssimo espectáculo, turisticamente impressionante, para delicia visual e auditiva do indígena e do forasteiro.

Ora, para descanso nocturno de quem ganha diariamente o pão de cada dia e para evitar nas nossas praças, ruas, avenidas, becos, vielas, etc., a exhibição de espectáculos impróprios para maiores e menores de qualquer idade, não seria possível, com uma manifestação-zinha de boa vontade das autoridades respectivas, eliminar estes inconvenientes caninos?

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) são! Quanta poesia-sem-saber numa imagem súbita que desce e capta, de um golpe, o essencial da realidade! Quanta experiência e sabedoria acumuladas numa observação que fere, como agulhada, ou consola, como um bálsamo! E à medida que nos aproximamos dele, que aprendemos com ele, quantos motivos fortes e belos nos fortalecem (ou despertam) o orgulho de lhe pertencermos!

...O orgulho de lhe pertencermos... A menos que estejamos deformados como os faseadores de revistas e actos radiofónicos, em que as pessoas simples são sempre inferiores, grosseiras, ignorantes, tateitantes. Pela boca deles, é claro...

Espécie de Gazetilha

Nunca mais me espantarei por qualquer nova que tombe, agora depois que sei que existe a «pocket bomb».

Produz-se (diz um jornal) uma bomba pequenina, mas com um poder igual à que soprou Hiroxima.

Sobe um avião de cá, deita a bomba, lá do céu, — e tudo o que a terra há, num só relâmpago, ardeu.

Tudo? — vou eu percutindo — Tudo ardeu, se a bomba tomba? Mas tudo, mesmo? Incluindo a mão que lançou a bomba? Maria Manuela Nunes

EMPRESA RODOVIÁRIA OLHÃO

NOVA CARREIRA ENTRE Santa Catarina da Fonte do Bispo e Moncarapacho (Em ligação com a carreira Moncarapacho-Faro) Início em 15 de Fevereiro de 1957

Table with 3 columns: Hora, Destino, Preço. Rows: 8,15 Santa Catarina 19,50; 8,27 Pereiro 19,41; 8,35 Moncarapacho 19,30. Note: Não se efectua aos domingos.



Comentário Cinematográfico

O EXPERIENTE WILLIAM WYLER

O realizador William Wyler é, sobretudo, um indivíduo com muita experiência e possuidor duma excelente técnica cinematográfica. Falta, muitas vezes, nas suas obras aquele calor humano que é tão essencial em cinema. No entanto, os seus filmes são, na maioria, impecáveis sob o ponto de vista técnico e formal, se bem que o seu conteúdo seja também muito aceitável. São, geralmente, obras onde predomina a análise psicológica — é o caso de «Horas de Desespero», filme que me proponho comentar — muito bem orientada, expressas numa sóbria mas vigorosa e segura linguagem cinematográfica. «Horas de Desespero» consegue fugir completamente à influência teatral do tema. Embora três quartas partes do filme decorram em interiores de uma única casa, W. Wyler consegue manter um perfeito ritmo cinematográfico, beneficiando grandemente do encurtamento dos diálogos. A linguagem empregada por W. Wyler é simples e intuitiva. Lembremos a sequência em que vemos, unicamente, o rectângulo da janela dum automóvel, deslizando lentamente, e através dessa janela nos apercebemos das casas que passam na rua. Sabemos, intuitivamente, que quem vai lá dentro são os gangsters procurados pela polícia. E é este o primeiro contacto que tomamos com eles. «Fora de campo» os criminosos falam. Querem refugiar-se. O carro pára diante da casa de Hamiller. Imediatamente sabemos que é aí que se escondem. Continuamos sem ver as personagens. O automóvel entra no jardim; e, ainda através da janela, vemos-lo contornar a bicicleta de Raul, abandonada no solo, o que empresta à cena um ambiente de calma e despreocupação (pelo menos, até aí). Descrição cinematograficamente pura, despida de artificialismos literários e de grande valor plástico. Todo o filme, especialmente no que respeita à forma, se mantém equilibrado.

A história conta-nos a odisseia duma família que vê a sua casa invadida por três criminosos fugidos da penitenciária e que aí pretendem encontrar refúgio, sem conhecimento da polícia, até que a amante de um deles, Griffin, lhes enviasse o dinheiro necessário para a fuga. Contava também, em caso de perigo, escudar-se com as vidas dessa família. São 24 horas de terror para essas quatro vidas: Hamiller, a mulher e os filhos. Devido à heroicidade de Hamiller (heroicidade discutível, até certo ponto) e à inevitável intervenção da polícia, o perigo passa e os gangsters são metralhados. Eis, em breves palavras, o que nos conta o argumento. Mas o que pretende na realidade?

Como já se disse, a obra orienta-se numa cuidada análise psicológica. Na primeira sequência do filme, Wyler analisa os caracteres dos diversos compo-

nentes da família de Hamiller. Do conjunto, apreende-se, facilmente, a noção do tipo médio e «burguês» da família americana. Pois é justamente esta primeira realidade social que é posta em contraste com outra realidade à margem: o criminoso. Este contraste é bem definido na rápida conversa em que Griffin diz para Kubish, referindo-se ao irmão: «Hale não tem medo. Eu ensinei-lhe tudo o que era necessário». Ao que Hale responde, perante a consternação do irmão: «Sim! Mas não me ensinaste a viver numa casa como esta». Wyler não vai determinar causas que apontem a origem da delinquência em Griffin, Kubish e Hale. Continua, simplesmente, a analisar as suas mentalidades. Griffin é o tipo clássico do gangster violento e sádico, por vezes com laivos de humanidade. Aí, ele enfraquece. Fora disso, sente-se seguro da sua inteligência e experiência. É um indivíduo que nasceu para mandar. O corpulento Kubish é um tarado com mentalidade infantil, a quem dar uma arma seria perigoso. Notemos com que prazer ele brincava com os divertimentos de Raul. Tentou, até, exercer violência sobre o garoto, quando este se recusou a entregar-lhe um avião de brinquedo. E na estrada (quando ia para matar o ferro-velho), desviou a direcção do carro, no intuito de atropelar um pacífico cão que a atravessava. É uma atitude sádica digna dum desequilibrado mental. Por isso, talvez em Kubish a sua demência seja uma das causas da sua delinquência. Hale, o irmão de Griffin, é a figura romântica. Apaixonou-se pela filha de Hamiller, Cindy. Ao mesmo tempo, sente a nostalgia dum lar tranquilo, que nunca teve. Recusa apoderar-se, pela força (doutrina ensinada pelo irmão), de Cindy. Separa-se do irmão e de Kubish, sendo, mais tarde, alvejado pela polícia, e indo morrer debaixo das rodas de um camião.

A terceira realidade é a máquina infalível da polícia, representando o bem e defendendo a sociedade. Mas acontece um caso interessante: O «sheriff» não hesitará em dar ordens para que ataquem a casa onde estavam refugiados os criminosos, pondo em perigo vidas inocentes só pelo facto de, se o não fizesse, a sua reputação ficar comprometida, podendo por isso perder as eleições. Singular atitude, mas que não é de estranhar. Outro policial, a quem Griffin, ao evadir-se, jurara matar, esconde-se cobardemente atrás dessa máquina da justiça. Era muito importante, para ele, que Griffin fosse morto.

É este o panorama social apresentado por W. Wyler, se bem que não definido, em «Horas de Desespero». Panorama muito semelhante à realidade social americana.

Hamiller tem a sua desforra, no final. Tornando-se,

EM PROL DOS BOMBEIROS

MAIS DONATIVOS PARA AUXILIAR A CONSTRUÇÃO DA SEDE DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Continuamos hoje a publicação dos donativos que pelos motoristas marítimos e respectivos ajudantes foram oferecidos, com destino ao Fundo pró-quartel dos nossos Bombeiros, em nome dos quais manifestamos a todos os subscritores os melhores agradecimentos pela sua generosa cooperação:

Transporte 16.780\$60

Contribuições dos motoristas e ajudantes:

João de Jesus	20\$00
António Parra	10\$00
José Solé	10\$00
Ilídio P. Brandão	20\$00
José P. Bonança	10\$00
Manuel dos Santos	30\$00
Vivaldo P. Paixão	15\$00
Sezinando M. Baptista	20\$00
Arménio (do barco Genica)	20\$00
Maurício Pachola	15\$00
Constantino Ferreira	30\$00
António José	30\$00
Artur Pereira	10\$00
João A. Peres Domingues	10\$00
André dos Santos Roque	20\$00
António Segura	20\$00
Francisco Salvador	30\$00
José Mestre	15\$00
Miguel E. Ferreira	15\$00
Miguel Marcial	20\$00
Leopoldo L. Gomes	50\$00
Guilherme P. Marques	20\$00
Francisco I. Conceição	20\$00
João Luís Baptista	25\$00
Hermes M. C. Valentim	50\$00
Joaquim D. Pereira	20\$00
Soma	17.335\$60

A Missão da Cultura

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

chamarem-se guerra, fome e desemprego; não é difícil perceber, dizíamos, que tal cultura desinteressada é uma cultura bastante interessada: interessada em desviar a atenção dos verdadeiros problemas humanos, para um amontoado de mistificações, em amortecer os embates que o sistema vigente poderia receber do pensamento alvoroçado pelas contradições e crueldades do momento presente, a de que pode dizer-se de tão vivas e agudas que são, que a verdade emana delas. Tal cultura desinteressada estará afinal interessada na manutenção da ordem existente. Aqui, como além, ela proclama a exigência da virgindade; porque o seu desejo supremo seria que uma certa zona perigosa de questões delicadas permanesse sempre virgem para o pensamento.

É também cómoda para os

ocasionalmente, senhor da situação, descarrega todo o ódio e humilhação acumulados durante aquelas 24 horas desesperadas. De revólver em punho, derruba Griffin, obrigando-o a rolar por uma escada abaixo. Pela fisionomia de Griffin passa uma expressão de tristeza e derrota. Já não há ódio. Neste momento, ele é o herói. Cá fora, por meio de um alto-falante, a polícia convida-o a render-se. O ódio reacende-se no criminoso. É ao mesmo tempo o desejo de viver. É ao tentar iludir a vigilância da polícia, é varado pelas balas das metralhadoras... E morre.

A sociedade sente-se tranquila.

«Horas de Desespero» é um filme de elevado nível formal, servindo perfeitamente o conteúdo com aquele aperfeiçoamento técnico que caracteriza o importante realizador americano William Wyler.

David Lopes

indivíduos que a adoptem, pois não os obrigará a uma participação activa na solução dos problemas, evitando-lhes os atritos e os sabores que dela pudessem surgir. Mas o que essa cultura farisaica esquece ou quer fazer esquecer, é que o pensamento surge em função das necessidades sociais e para responder a problemas concretos postos pela herança cultural de que somos os herdeiros e pelas exigências específicas do desenvolvimento e progresso humanos. A cultura viva surgirá sempre destes problemas, para eles e por causa deles. O verdadeiro problema da cultura presente é prolongar e ampliar, no domínio do pensamento, o que de mais progressivo e vivo houver na tradição cultural, informando e visando a sua acção decidida no sentido do melhoramento do homem e das suas condições de existência. Toda a cultura deslocada da vida nega-se a si própria. Todo o pensamento que não age é um aborto ou uma traição.

Jorge A. Queiroz

TRAINEIRA VENDE-SE

Ótima construção, com 19,5 metros, pronta a pescar, com ou sem redes. Resposta à Rua Augusta, 281-2.º D.—Lisboa.

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D-8.ª Série)

Comentários ao encontro LUSITANO-SERPA

A jovem equipa do Lusitano, no domingo passado, frente ao Serpa, não realizou exibição notável e consentiu um empate (0-0), em casa, que a deve prejudicar para o provável apuramento final desta série, pois fica desde já em desvantagem perante o Serpa, que ficou por este motivo com mais possibilidades. É certo que a sorte não acompanhou os jogadores avançados do Lusitano, que tiveram excelentes oportunidades — especialmente após o intervalo — de marcar, mas umas vezes era o guarda-redes visitante que galhardamente defendia e outras perdiam-se por remates impotentes daqueles. No primeiro tempo, o jogo esteve equilibrado, não se notando qualquer pormenor técnico nas equipas e pecando o clube local por levantar demasiado a bola, o que facilitava a tarefa aos jogadores do Serpa que, com mais poder físico, alcançavam a bola, tendo por isso vantagem no chamado jogo «alto». Só nos últimos vinte minutos do encontro, o Lusitano modificou o seu jogo, dominando a bola junto ao solo, o que é absolutamente aconselhável e útil para se executar bom futebol, e foi precisamente nesse tempo que criaram constante perigo para a baliza do adversário e desenvolveram o seu ataque que até então se mostrara sem objectividade. O Lusitano, com o domínio de que disfrutou nessa altura, poderia e deveria ter rematado mais, sendo esta uma das principais razões por que não surgiram tentos.

Para se conseguirem golos, é necessário rematar; e raciocínio lógico, para se ganhar é condição essencial marcar golos. Esta é uma verdade fundamental no futebol, que embora todos a conheçam, poucos são os que a praticam com absoluto êxito. E os clubes que utilizam essas considerações táticas, obtêm quase sempre bons resultados. Eis o caso

do Farense: as equipas que no campeonato da 2.ª divisão tem defrontado, na generalidade dominam-no mas, ao fim e ao cabo, a vitória tem pertencido ao Farense. Porquê? Há só uma resposta para esta interrogação, que a muitos parece duvidosa — o conjunto de Faro tem mais objectividade nos seus ataques, isto é, procura com mais insistência e tenacidade as redes contrárias, obtendo dessa maneira os golos necessários a uma vitória.

O Lusitano já na 1.ª divisão lutava com uma dificuldade: rematava muito pouco, apesar de possuir um conjunto habilidoso e valores individuais. A actual equipa, com elementos de futuro e convenientemente preparados, diga-se em abono da verdade, tenta com mais insistência rematar à baliza, concretizando as jogadas, necessitando contudo que continuem a actuar dessa maneira, pois se assim procederem serão bem sucedidos num futuro próximo, porquanto no seu conjunto impera a energia e a força de vontade próprias da sua juventude.

Analisando o comportamento do Lusitano no domingo, diremos que a defesa actuou regularmente, com excepção de Apolinário, que esteve abaixo das suas possibilidades; na linha média, Daniel não cumpriu devidamente e Padesca, a dirigir bem o jogo, foi o melhor de entre todos; os atacantes, embora não jogando o que realmente sabem, de certo modo agradaram, excluindo o avançado-centro, Mendes, que nos pareceu inofensivo para ocupar aquele importante lugar. No Serpa salientou-se toda a defesa, sendo esta, sem dúvida, o principal baluarte da equipa alentejana. A arbitragem foi facilitada pela correcção com que o jogo foi disputado.

José Agostinho

BASQUETEBOL CAMPEONATO DISTRITAL

Lusitano, 32 — Ginásio Olhanense, 45

Encontro a contar para o torneio regional de basquetebol, realizado no Parque de Instrução dos Bombeiros Voluntários.

As equipas apresentaram-se com os seguintes elementos:

LUSITANO: Andrade (6), Gavino (7), Branco (14), Ângelo (3), Jara e Albano.

GINÁSIO: Vicente (9), Almeida, Gonçalves (4), Pinto (4), Oliveira (2), Luís do Ó (26) e Rogério.

Os visitantes iniciaram a partida da melhor maneira, conseguindo alcançar os primeiros pontos. Depois de breve reacção da equipa do Lusitano, a jogar com evidente boa vontade, a melhor categoria do Ginásio foi-se impondo, com a consequente vantagem no marcador.

Sem forçar a nota, os olhanenses obtiveram no decorrer do primeiro tempo 24 pontos, cedendo 10.

No decorrer do segundo tempo, os locais tiveram uma bela reacção que chegou por vezes a entusiasmar o público. A melhor técnica do Ginásio, o Lusitano respondia opondo uma resistência tenaz, sendo pena, que Jara não tivesse, nesta fase da partida, acertado o passo com o dos

colegas, pois ter-se-ia talvez assistido em determinada altura a um volte-face no resultado da partida.

Exibiram-se em bom plano os jogadores do Ginásio, Luís do Ó, J. Vicente e Pinto. Nos locais, temos a destacar o esforço de Branco, Ângelo e Andrade. A arbitragem não teve erros de importância e foi muito facilitada pela correcção dos atletas.

A. Roque

Gine-Clube

de Vila Real de Santo António

CONVOCATÓRIA

Em virtude de terem sido superiormente aprovados os Estatutos deste Cine-Clube, convidam-se todos os sócios do mesmo a formarem a primeira Assembleia Geral (Art.º 15.º), que terá lugar no próximo dia 13 de Fevereiro, pelas 21 horas, no Salão do Festas do Glória Futebol Clube, gentilmente cedido para este acto, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

- 1) Resumo das actividades do Cine-Clube;
- 2) Eleição dos corpos gerentes para o corrente ano.

Não havendo número de sócios suficiente para o funcionamento legal da Assembleia à hora marcada, funcionará a mesma uma hora, depois, com qualquer número.

Vila Real de Santo António, 28 de Janeiro de 1957.

O Presidente da Comissão Organizadora, José Manuel W. de Matos Parreira

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

ASSIM SE DESFAZ

A HISTÓRIA

Sempre tive muitas dúvidas sobre a veracidade com que os cronistas escreviam as biografias dos reis que lhes encomendavam, ou dos quais dependiam, como homens mais ou menos da corte. A regra era os cronistas colocarem os seus reais biografados para lá da circunferência da lua, empregando, sem conta, peso nem medida, o doce mel da lisonja. O diabo era que, às vezes, os próprios biografados desmentiam, sem querer, o panegírico dos cronistas.

Assim, no prólogo da sua crónica, diz Garcia de Rezende, a respeito de D. João II: «Sendo um príncipe muito amigo de mulheres, depois que foi rei, foi, nisso, tão temperado e casto, que se afirma nunca mais conhecer a outra mulher senão a sua».

Pois, sim! Estava D. João prestes a dar a alma ao Criador, quando, ao assinar a tença para D. Ana de Mendonça, de quem teve o bastardo D. Jorge, lhe caiu a pena da mão, e desatou a chorar lágrimas grossas como punhos. Perguntada a razão daquele choro, respondeu o Príncipe Perfeito, com franqueza não menos perfeita: «foi tamanha a minha fragilidade no sexto mandamento que, ao mais leve aceno que me fizessem, acudia logo a ofender a Deus».

Assim se desfaz a História!

VULGARIDADE

Os espíritos vulgares têm, além de doutrinas impertinentes, mais esta: não admiram as coisas superiores (estão vacinados contra tudo que transcenda a gamela e lugares adjacentes) e ainda pretendem tudo nivelar pela sua vulgaridade, impondo-a como paradigma. Refocilando-se na esterqueira, querem que todos sintonzem a sua pituitária com a deles.

É O CHEIRO A ALHO QUE

NÓS DEVEMOS EVITAR

Nisto de árvores genealógicas, o melhor é paramos na altura em que a nossa investigação deparar com um antepassado de arromba. Isto para o caso de presumirmos (por mim, não estou fazendo confissão pessoal) de grandes nobrezas. Não há novelo genealógico que, como os outros novelos, não vá dar a um trapinho. Sá de Miranda, em carta a Manuel Machado de Azevedo, seu cunhado, e senhor de Entre-Homem e Cávado, escrevia:

É, senhor, grande trabalho escrever de gerações, Nem todos são Cipíões; E podem cheirar a alho Ricos homens e infanções.

ERA UMA VEZ UMA PRINCESA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

único de criar beleza. Os hotéis já não têm quartos; as janelas estão esgotadas e já se compram cadeiras para colocar nas ruas, a marcar lugar... Lisboa, cujo sol e cujos prédios coloridos a tornam numa das mais lindas cidades do mundo, está corada com todo este movimento, está um tudo-nadinha excitada, mas sente-se imensamente feliz.

Talvez muitos julguem que esta felicidade, esta alegria, este saudável movimento é resultado apenas de irmos receber Sua Majestade a Rainha Isabel II, soberana de um país amigo, cuja aliança — e como isso é raro! — tem a duração de muitos séculos. No fundo, porém, julgamos que o encanto, para nós, está principalmente em sabermos que vamos ter bem perto, a acenar-nos com um sorriso amigo, aquela encantadora Lilibeth, cuja vida há anos nos atrai e que temos vindo a seguir nas notícias e fotos dos jornais. São lembranças da petiza de olhar vivo e simpático que acena com a mãozinha no dia da coroação do rei seu pai; da rapariguinha fardada de escuteira, que visita os acampamentos; da adolescente de barrete preto dourada por uma Academia de Música. E também recordações de todo o seu lindo romance de amor, de toda a sua felicidade de noiva, de todo o doce enternecimento de recém-casada e, pouco depois, de mamã ditosa. Sentimos ainda a angústia do seu olhar, quando se tornou rainha, e apreciamos como vai cumprindo o seu duro ofício de reinar. E' que esta bela rapariga, cuja vida te-

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO IV N.º 192

DOMINGO

10 - Fevereiro - 1957

Director
João A. Dias Pena
Editor e Proprietário
Armando R. Cruz

Apontamento Histórico

Bretões e Lusitanos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tório, em 55 e 54. Os Celtas ficaram logo vencidos e os Bretões e Pictos recuaram mais para o norte.

Da segunda invasão, os Pictos fixaram-se nos Montes Grampios, e dali soltaram o grito de que nunca mais retirariam nem um passo. No tempo do imperador Cláudio, em 43 d. C., numa batalha decisiva, julgou tê-los definitivamente vencido, mas só os Bretões, que não pintavam o corpo e tinham o sangue enfraquecido do contacto com os Celtas, é que cederam.

Os Pictos tornaram a gritar que não recuariam mais e que lhes fariam um grande favor se os deixassem estar sossegados em sua casa. Durante 100 anos os Romanos não cessaram de os incomodar, e por fim, vendo que nada tinham a fazer com tal gente, em 141 d. C. o imperador Séptimo Severo isolou-os num campo entrancheado que mandou construir de um lado ao outro do mar, do golfo de Clyde ao do Forth, fazendo de conta que a terra acabava aí!

O saque de Londres, em 367, pelos Pictos, fez pensar, com muita razão, que o Império Romano tinha decaído muito, ou estes Pictos lhe haviam de dar assaz que fazer.

No mundo dos brancos, acreditou-se durante muitos séculos que as raças humanas eram só uma, derivada da céltica que, verdadeiramente, não se sabia onde viera, a não ser da lua, por uma via que os sábios lunáticos ainda não descobriram.

Porém, nos meados do século passado, o estudo do homem primitivo tornou-se numa paixão e as nações, ainda as mais pobres de recursos, abandonaram-se as investigações da pré-história, com resultados assombrosos.

Na Inglaterra, desempenhou um alto papel o sábio Eduardo Clodd, que deixou escrito, no seu livro o «Homem primitivo»:

«As histórias adoptadas nas escolas inglesas começavam na invasão da Bretanha por Júlio César e nem uma palavra diziam acerca do homem e da sua existência anteriormente àquela data. Dir-se-ia que nunca ocorrera aos escritores averiguar se os Bretões eram naturais daquela região, ou se outros habitantes houvera antes deles e que vestígios tinham deixado da sua civilização.»

Tudo mudou, todavia. Nos conhecimentos humanos inscreveu-se, desde então, uma nova ciência, a do homem. Os antigos

Bretões, que foram amigos dos Lusitanos, são filhos da sua terra, como os Lusitanos são filhos de Portugal.

Perdida a nossa independência em 61 a. C., os Lusitanos só se tornaram a encontrar com os Bretões, feitos ingleses, quando a recuperaram, em 1140 d. C., baptizados de portugueses.

Pela tomada aos mouros, de Lisboa, em 1147, estavam presentes os ingleses, e conquistada a cidade de Silves, por D. Sancho I, em 1189, um grupo de ingleses deu entrada na cidade para nos tornarmos mais potentes.

Quando fomos expulsos pelo exagerado esforço dos mouros, o rei português achou-se preso em Santarém. Uma esquadra inglesa, que se encontrava em Lisboa, destacou um contingente dos seus melhores cavaleiros para o libertar.

Pela crise do reinado de D. Fernando I, em que os castelhanos entravam e saíam de Portugal como se fosse terreno seu, uma armada partiu de Londres, com um aguerrido exército a bordo, para tomar posição ao lado dos seus velhos amigos, o qual era comandado pelo conde de Cambridge.

E pela batalha de Aljubarrota que serviço não prestaram a Portugal os arceiros ingleses, ao lado da ala dos namorados do rei D. João I?

Para maior estreitamento dos laços da nossa velha amizade, o rei D. João I, o mais lusitano dos nossos reis, quando quis casar, escolheu noiva na família dos Bretões, D. Filipa, que deu príncipes a Portugal como nunca os havia tido.

D. João, após a batalha de Aljubarrota, conhecendo instintivamente que ainda cá ficavam muitos portugueses que choravam por Castela, pensou logo arranjar um Portugal suficientemente grande fora da Península, que não coubesse em Espanha.

Quando os seus filhos começaram a fazer-se homens, deu em sondar todos, para achar qual deles reuniria qualidades e a vontade para adoptar o seu plano. Foi o infante D. Henrique de todos o que lhe deu mais garantias, e pondo mão à grande obra em 1521, em 1580, quando morreu, vencendo mil dificuldades, tinha as suas fronteiras no Equador, e o seu sobrinho e filho adoptivo, D. Fernando, bem instruído sobre o que havia a fazer, por ele ou por seus filhos, para que a fronteira fosse levada para a Índia.

Morto D. Henrique, o grande empreendimento pouco adiantou. Tempo depois, morreu D. Fernando, seu filho adoptivo, deixando dois filhos. O mais velho foi assassinado, a tempo, por um dos maiores amigos e admiradores de Castela, mas ficou o segundo, por ser julgado inofensivo. D. Manuel I, o Grande, como é conhecido no estrangeiro, assumindo as rédeas do governo que o destino colocou nas suas mãos, em três anos levou a sua tarefa ao fim. Fez mais, organizou um reino bastante amplo, o Brasil, que não só não cabe dentro de Castela, como lhe custaria a caber dentro da Europa. E se nós temos muito orgulho em sermos descendentes de Viriato, os brasileiros ainda o têm mais em serem nossos irmãos.

Também Castela seguiu o nosso plano de conquistas, o que não é para admirar, pois são quase da nossa raça. As terras que nós e eles descobrimos são tantas que não tínhamos gente para as habitarmos.

Toda a Europa quis tomar parte nelas, todos experimentaram, mas só os nossos velhos amigos Bretões ficaram aprovados para o fazerem. Como nós, também descobriram novos mundos, e aproveitando as suas conquistas e as que sobravam de nós fundaram nelas novas nações ultracivilizadas, com a sua religião, falando a sua língua.

Com o maior prazer, vemos que o povo dos Estados Unidos da América do Norte, do Brasil e das nações de cultura espanhola, falando as três línguas: inglesa, espanhola e portuguesa, excedem as civilizações das outras três partes do Velho Mundo, sendo muito mais moderno.

Pela razão da grande obra que criaram, deviam as três nações europeias, Inglaterra, Espanha e Portugal, ser as mais amigas e unidas do mundo, formando como que um agregado de estados, revendo-se nos seus merecimentos antigos.

Noémia Gil Farla

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Tais indivíduos deveriam ser condenados a exhibir, por tempo compatível com as suas faltas ou crimes, um letreiro bem visível, nas suas viaturas, com o distico «assassino do volante».

Talvez que esta fosse uma forma eficiente de refrear os desmandos que se verificam nas nossas estradas e ruas, nas vinte e quatro horas de cada dia.

Talvez que mais país pudessem aconchegar ao peito os seus filhos, e mais mulheres e maridos pudessem, calmamente, aspirar a companhia que lhes é querida e menos filhos tivessem que viver na orfandade.

De qualquer forma, é preciso disciplinar o trânsito, quer de veículos, quer de peões. Cada um tem que respeitar os direitos alheios e pensar que mais alguém existe.

Os egoístas têm de ser severamente punidos, sem complacência nem distinções de categorias sociais. Acaso não nascemos todos, absolutamente todos, completamente nus?

Não teremos todos as mesmas necessidades fisiológicas?

Precisamente, se alguém tem uma posição social mais elevada, deve ser o primeiro a dar o exemplo, a defender o direito e a justiça, a pugnar por que as leis sejam iguais para todos os cidadãos — e esse é, precisamente, o pensamento do legislador.

«Assassino do Volante». Um cartaz que gritará aos quatro ventos que é preciso fugir de quem o transporta. Será humilhante exhibi-lo. E' isso mesmo que se pretende, para que ninguém queira incumbir-se dessa tarefa desprestigiante.

Mas cuidado com os exageros. Só quem realmente o for deve ser agraciado com o título.

José dos Santos Marques

Visita Ministerial ao Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

próprias para o fim que serviam.

Inaugurar-se-á, também, a nova Central Eléctrica, que uma justa visão das necessidades cidadinas situou em local próprio, libertando a beira-rio, onde se disfrutaram alguns dos mais encantadores aspectos de Portimão, do mostrengo da antiga Central, inconveniente que era agravado seriamente com toda a sorte de ruídos, fumos e mau cheiro, o que, tudo somado, punha uma autêntica nódoa negra na estética portimonense.

Serão, ainda, inauguradas a nova Biblioteca Municipal (um sugestivo exemplo para ser seguido por Vila Real de Santo António...) e uma Cantina Escolar (o que, diga-se de passagem, também gostaríamos de ver por estas bandas).

Está, pois, de parabéns a cidade de Portimão, que, graças à acção inteligente, dinâmica e muito dedicada do presidente do seu Município, sr. Salvador Vilarinho, assiste, pouco depois da elevação do seu liceu à categoria de nacional — o que constituía uma das grandes aspirações locais —, à inauguração de importantes benefícios que o Governo, numa manifestação de alto apreço pelo Algarve e por Portimão, quis honrar com a presença dos ilustres titulares das pastas do Interior e da Educação Nacional, respectivamente, srs. dr. Joaquim Trigo de Negreiros e prof. eng.º Francisco de Paula Leite Pinto.

Esta visita ministerial constitui, pois, não só uma honra para Portimão, como para todo o Algarve, circunstância que não podemos deixar de assinalar com o mais sincero regozijo.

Visado pela Comissão de Censura

Figuras da actualidade

POUJADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

luta aberta e na qual os lutadores nem sempre utilizaram processos legítimos para vencer e nem tiveram sequer a preocupação de encobrir o pânico que desde logo deles se apossara.

Por esta razão, muitos dos deputados de Poujade foram aliados dos seus lutas ou corrompidos, e este sentiu-se, em parte, desacompanhado.

No entanto Poujade ficará na História francesa como símbolo dos momentos incertos e de uma política de rodriguinhos que a França atravessou, e servirá para ser apontado como exemplo àqueles que pretendem sobrepor os interesses dos partidos aos verdadeiros e legítimos interesses do país.

O apoio que Poujade obteve assentou no descontentamento geral e do seu programa, embora pudessem ter falhado em profundidade e nos meandros políticos necessários à sua defesa na assembleia, era, nas suas linhas fundamentais, aque-

le que os comerciantes franceses sentiam poder defender os seus reais interesses, que tão grandemente haviam sido afectados.

Poujade nada mais foi do que a farsa necessária para pegar fogo ao rastilho que desde há muito vinha esperando por ela.

Inexperiência e simplicidade dos deputados poujadistas — todos eles demagogos ingénuos e confiantes, sem a preparação requerida para as artimanhas da política — não conseguiu suportar o embate dos políticos profissionais e das suas habilidades, mas a eleição que os levou aos bancos da assembleia serviu para provar ser possível impor a vontade daqueles que se sentem prejudicados, bastando para tanto a criação de um escol conscientemente preparado e senhor das suas possibilidades e dos seus direitos, que esteja apto a defender-se dos ataques que lhe possam ser movidos.

Embora tardiamente, Poujade compreendeu-o e

UMA INICIATIVA SIMPÁTICA

A FAVOR DO DESPORTO LOCAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ganizar um fundo próprio, que será exclusivamente destinado a promover os melhoramentos que o Campo «Francisco Gomes Socror», do referido clube, necessita, para se tornar verdadeiramente um parque desportivo digno dessa qualificação.

Segundo as informações que colhemos, julgamos saber que os comissionados pretendem, com a sua actualiação, ajudar o clube a resolver as dificuldades que se antepõem aos legítimos desejos de possuir umas instalações mais condignas com o seu mérito desportivo.

A iniciativa — arrojada iniciativa, sem dúvida — merece ser acarinhada pelos desportistas pombalinos, não apenas pelo que representa de bom propósito em contribuir para o aumento de prestígio do popular Lusitano, mas também porque visa dotar a nossa terra com mais um elemento de valorização, factor que a todos os vilarrealenses não deverá ser indiferente.

«Notícias do Algarve», seguindo aquela justa linha de atenção e interesse por tudo quanto possa resultar em benefício de Vila Real de Santo António, não hesita em dar a merecida publicidade a esse facto, registando-o nas suas colunas e aplaudindo a boa intenção desse grupo de vilarrealenses que pretendem prestar um serviço útil à sua terra.

A ideia dos lusitanistas, que sabemos ter sido muito bem recebida pelos desportistas locais, pelo menos, na parte afecta ao Lusitano, acha-se já em pleno desenvolvimento, pelo que a Campanha de Um Escudo, que a comissão lançou como primeira fase da sua acção, a qual tem por objectivo recolher dos associados e amigos do clube a oferta de donativos destinados à constituição do respectivo Fundo, tem recebido o melhor acolhimento, contando-se já por numerosas as inscrições nas listas próprias que para o efeito estão distribuídas.

Sendo de esperar que os vilarrealenses amigos do Lusitano, actualmente residindo fora de Vila Real de Santo António, também queiram cooperar neste movimento de valorização clubista, podemos informá-los de que as suas dádivas poderão ser remetidas para os seguintes locais: Rua Conselheiro Frederico Ramirez, 21, e Rua Teófilo Braga, 69, desta vila.

Objectos perdidos

No posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, encontra-se depositada uma luva de catedral, para homem, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

pretende agora lutar para que nem todo o seu esforço tenha sido em vão. Conseguiu-lo será a sua maior e mais difícil tarefa, e restará verificar se as suas forças chegarão para tanto.

Texto e linóleo de
José dos Santos Marques